



# COMPREENENDO O ATENDIMENTO PSICOLÓGICO ÀS VÍTIMAS DE DESASTRES NATURAIS NO BRASIL

ENTENDIENDO EL SERVICIO PSICOLÓGICO A LAS VÍCTIMAS DE  
DESASTRES NATURALES EN BRASIL

UNDERSTANDING THE PSYCHOLOGICAL CARE TO THE NATURAL  
DISASTERS VICTIMS IN BRAZIL

Rafael Reis da Luz<sup>1</sup>  
Julia Gonzaga Silva<sup>2</sup>  
Daniele Ramos Villa Nova<sup>3</sup>  
Karla de Souza Magalhães<sup>4</sup>

---

**RESUMO:** Tragédias e desastres naturais têm atingido muitas pessoas em qualquer lugar do mundo, causando danos sociais, econômicos e psicológicos em toda a comunidade. Este artigo apresenta uma revisão sistemática da literatura recente, tendo como objetivo discutir as práticas psicológicas, especialmente o atendimento psicológico, voltadas para vítimas de desastres naturais no Brasil. Para tanto, foi realizado um levantamento das produções bibliográficas disponíveis nas bases SciELO, PePSIC, BIREME e PVS-Psi Brasil. Trata-se de um campo de atuação recente do psicólogo, que ainda carece de ampla produção científica e construção de conhecimento. Não obstante, há possibilidades de contribuição da Psicologia tanto na fase de pré-desastre, como durante e depois do desastre. Discutimos o trabalho de prevenção e empoderamento das comunidades no pré-desastre, passando pela ocorrência do desastre, destacando o trabalho multiprofissional e intersetorial, e por fim discutimos a fase do pós-desastre. Nesta, argumentamos que as práticas do psicólogo devem considerar as subjetividades e a maneira com que cada sujeito lida com a experiência. Dentre as considerações, argumentamos que, a respeito do atendimento psicológico, ainda há escassa discussão sobre. Apontamos, por fim, a necessidade de ampliação dos debates sobre a temática para que, gradativamente, políticas públicas sejam propostas ou ampliadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Emergências; Desastres naturais; Psicologia e desastres; Atendimento psicológico.

**RESUMEN:** Las tragedias y los desastres naturales han afectado a muchas personas en cualquier parte del mundo, causando daños sociales, económicos y psicológicos en toda la comunidad. Este artículo presenta una revisión sistemática de la literatura reciente, con el objetivo de discutir las prácticas psicológicas, especialmente la atención psicológica, dirigidas a las víctimas de desastres naturales en Brasil. Para ello, se realizó un relevamiento de las producciones bibliográficas disponibles en las bases de datos SciELO, PePSIC, BIREME y PVS-Psi Brasil. Este es un campo de actividad reciente para el psicólogo, que aún carece de una amplia producción científica y construcción de conocimiento. Sin embargo, existen posibilidades para la contribución de la Psicología tanto en la fase previa al desastre como durante y después del desastre. Discutimos la prevención y empoderamiento de las comunidades en el predesastre, incluyendo la ocurrencia del desastre, destacando el trabajo multiprofesional e intersectorial, y finalmente discutimos la fase posdesastre. En esto, argumentamos que las prácticas del psicólogo deben considerar las subjetividades y la forma en que cada sujeto afronta la experiencia. Entre las consideraciones, argumentamos que, en cuanto a la atención psicológica, todavía hay poca discusión al respecto. Finalmente, señalamos la necesidad de ampliar los debates sobre el tema para que, paulatinamente, se propongan o amplíen las políticas públicas.

**PALABRAS CLAVE:** Emergencias; Desastres naturales; Psicología y desastres; Atención psicológica.

**ABSTRACT:** Tragedies and natural disasters have hit many people anywhere in the world, causing social, economic and psychological damage throughout the community. This article presents a systematic review of recent literature, aiming to discuss psychological practices, especially psychological care, aimed at victims of natural disasters in Brazil. To this end, a survey of the bibliographic productions available in the SciELO, PePSIC, BIREME and BVS-Psi Brazil databases was carried out. This is a recent field of activity for the psychologist,

---

<sup>1</sup> rafaelreisdaluz@gmail.com

<sup>2</sup> gonzaga.julia@outlook.com

<sup>3</sup> daniele.ramosvillanova@gmail.com

<sup>4</sup> krlapsi@gmail.com

which still lacks extensive scientific production and knowledge construction. Nevertheless, there are possibilities for the contribution of Psychology both in the pre-disaster phase, and during and after the disaster. We discussed the prevention and empowerment of communities in the pre-disaster, including the occurrence of the disaster, highlighting the multi-professional and intersectoral work, and finally we discussed the post-disaster phase. In this, we argue that the psychologist's practices must consider subjectivities and the way in which each subject deals with the experience. Among the considerations, we argue that, regarding psychological care, there is still little discussion about. Finally, we point out the need to expand the debates on the theme so that, gradually, public policies are proposed or expanded.

**KEYWORDS:** Emergencies. Natural disasters; Psychology and disasters; Psychological care.

---

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada consiste em um desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá (UNESA), *campus* Nova Friburgo, região serrana do Rio de Janeiro. Foi estimulada principalmente pela ainda escassa produção de referenciais teóricos e técnicos aos psicólogos para atuarem em emergências e desastres no Brasil, o que parece explicar em parte o desconhecimento pela área, visto que pouco se ouve desse tema durante a formação em Psicologia. Estamos em constante contato com pessoas que passaram por catástrofes, sendo nítida a demanda pela clínica, demanda que, conforme discutido no texto, é consequente de intervenção inexistente ou não efetiva no momento pós-desastre. Entendemos que se trata de um tema de grande relevância na região serrana do Estado, a qual passou por um desastre natural há alguns anos.

O grande volume de chuvas ocorridas na região serrana do Rio de Janeiro, nos dias 11 e 12 de janeiro de 2011, provocou um dos piores desastres naturais ocorridos no Brasil. Segundo o relatório do Banco Mundial (2012), a catástrofe abrangeu os municípios de Areal, Bom Jardim, Nova Friburgo, Petrópolis, São José do Vale do Rio Preto, Sumidouro e Teresópolis, afetando mais de 300 mil pessoas e acarretando a morte de mais de 900. Em Nova Friburgo, os deslizamentos de terra representaram o maior impacto natural, visto que, segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), o volume de chuva chegou a 166 mm, o que representa mais da metade do valor médio estimado para o mês de janeiro. O desastre envolveu mais de mil trabalhadores de diferentes organizações para atuarem no pós-desastre, entre elas a Defesa Civil, prefeituras, governos estaduais, Força Nacional de Segurança Pública, organizações da sociedade civil etc., o que reforça o tamanho do impacto causado na cidade (BANCO MUNDIAL, 2012).

Um desastre é o resultado de eventos adversos, provocados pelo homem ou eventos naturais, que atinge o funcionamento de uma localidade em termos ambientais, sociais, econômicos, humanos e materiais. Os desastres ambientais são eventos como enchentes, deslizamentos de terra, furacões e secas, por exemplo, que são causados por características da

região, como humidades, condições de solo, vegetação e meteorologia (REIS; CARVALHO, 2016). De acordo com a Defesa Civil, os desastres naturais são consequências de eventos naturais sobre uma região, desordenando o funcionamento de uma comunidade. Atualmente, mudanças climáticas têm agravado eventos negativos como secas e excesso de chuvas. A cada ano, secas, enchentes e deslizamentos de terra têm se manifestado de forma anormal, obrigando os municípios a decretarem Situação de Emergência (SE) e Estado de Calamidade Pública (ECP) (BRASIL. Ministério da Saúde. Organização Pan-Americana da Saúde [OPAS], 2015).

No Brasil, 54% dos desastres naturais são de origem climatológica, como secas e estiagens. Inundações e alagamentos correspondem a 33%, enquanto que desastres de origem meteorológica, como ciclones, tempestades e vendavais, são apenas 7%. Movimentos de massas e deslizamentos, entre outros tipos de desastres, constituem apenas 6% (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA [UFSC]; CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE DESASTRES [CEOED], 2013). A crescente urbanização, responsável pelos conglomerados populacionais, como grandes capitais, acaba por ampliar os impactos dos processos naturais, tanto os de ordem geológica (terremotos, vulcões e tsunamis) quanto climática (tempestades, furacões e tornados), tendo em vista que tais fenômenos afetam mais pessoas (MELO; SANTOS, 2011). Essas catástrofes envolvem extensivos danos, tanto humanos quanto materiais, psicológicos, econômicos e ambientais, nos quais a população não consegue intervir, tendo muitas vezes que lidar com essas consequências por si só (BRASIL. Ministério da Saúde. Organização Pan-Americana da Saúde [OPAS], 2015).

A Psicologia das emergências e desastres é a área da Psicologia que estuda as consequências psicológicas advindas das mudanças ambientais/climáticas que ocorrem em uma determinada população após um evento catastrófico, como chuvas intensas, terremotos, secas etc. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA [CFP], 2011). O psicólogo que atua nessa área está em contato direto ou indireto com a comunidade, indo ao encontro da população atingida pela catástrofe, o que sugere uma prática de trabalho que diverge do modelo clínico clássico. O profissional de Psicologia tem o papel de acolher e atender, em grupo ou individualmente, a população que está em vulnerabilidade decorrente da tragédia (ALVES; LACERDA; LEGAL, 2012). Devido à crescente demanda de atendimentos psicológicos a pessoas afetadas por desastres naturais e à importância da atuação do psicólogo nesse cenário, é de extrema relevância que pesquisas sejam feitas para se compreender a situação em que se encontram as práticas psicológicas, sendo também importante o incentivo ao compartilhamento de experiências consolidadas nessa área bastante desafiadora.

Com base nesta breve contextualização, o presente artigo se propõe a discutir as práticas psicológicas, especialmente o atendimento psicológico, voltadas para vítimas de desastres exclusivamente naturais no Brasil, identificando quais técnicas são utilizadas nesse contexto e especulando quais demandas psicológicas das vítimas devem ser priorizadas, de modo a contribuir para uma maior visibilidade desse rico campo de atuação da Psicologia. Para tanto, é apresentado um levantamento e análise da produção bibliográfica relacionada ao campo, seguido de uma exposição crítica do mesmo.

## **2 MÉTODO E RESULTADOS**

Conforme apresentado, o presente texto consiste em um desenvolvimento da pesquisa qualitativa de caráter exploratório realizada na graduação em Psicologia. Apresenta um levantamento e revisão da literatura especializada, tendo como objetivo discutir as práticas psicológicas, especialmente o atendimento psicológico, voltadas para vítimas de desastres naturais no Brasil. Nesse sentido, a proposta é voltada para a pesquisa e análise do que tem sido produzido na área de Psicologia das emergências e desastres, com foco em desastres naturais.

Sendo frequentemente parte de projetos de pesquisa, a revisão bibliográfica também é denominada revisão de literatura ou de referencial teórico. Não obstante, por revelar explicitamente o universo de contribuições científicas de autores sobre um tema específico (SANTOS; CANDELORO, 2006), a revisão pode ser considerada um tipo autônomo de pesquisa, pois possibilita leitura e análise amplas da produção científica sobre um determinado tema ou campo.

Foi realizada uma busca sistemática da literatura nas plataformas de pesquisas virtuais Scientific Electronic Library Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), Biblioteca Virtual em Saúde (BIREME) e BVS – Psi Brasil. Para as buscas, foram utilizadas as palavras-chave “Psicologia” e “Desastres”, com foco em literatura nacional, de modo a delimitar o resultado do levantamento de acordo com o objetivo da pesquisa. Também foi realizado um corte temporal de 10 anos (2010-2020). Com isso, foram enquadradas ao todo 24 publicações. Em seguida, foi realizada uma leitura exploratória dos resumos desses 24 artigos encontrados, com o intuito de certificar se os mesmos seguiam os critérios já mencionados, o que resultou na seleção de 15 artigos. Os outros 9 não condiziam à prática psicológica no contexto de emergências e desastres ambientais, citando, por exemplo, contexto de desastres aéreos, intervenções militares e imigrações, o que não se adequa ao objetivo desta pesquisa. Os artigos selecionados estão representados na tabela a seguir.

**Tabela 1 – Artigos selecionados**

Referências	Título do Artigo	SciELO	BIREME	PePSIC	BVS-Psi
(BRAGA et al., 2018)	Produção científica sobre psicologia dos desastres: Uma revisão da literatura nacional		X	X	
(VASCONCELOS; CURY, 2017)	Atenção Psicológica em Situações Extremas: Compreendendo a Experiência de Psicólogos	X			
(PARANHOS; WERLANG, 2015)	Psicologia nas Emergências: uma Nova Prática a Ser Discutida	X	X		
(FAVERO; SARRIERA; TRINDADE, 2014)	O desastre na perspectiva sociológica e psicológica	X	X		
(TRINDADE; SERPA, 2013)	O papel dos psicólogos em situações de emergências e desastres		X	X	X
(GOMES; CAVALCANTE, 2012)	Desastres naturais: perdas e reações psicológicas de vítimas de enchente em Teresina-PI	X			
(ALVES; LACERDA; LEGAL, 2012)	A atuação do psicólogo diante dos desastres naturais: uma revisão	X	X		X
(MELO; SANTOS, 2011)	As contribuições da psicologia nas emergências e desastres		X	X	X
(TAVANTI; SPINK, 2014)	Ações locais e prevenção: um estudo com adolescentes que vivem em áreas de risco socioambiental	X			
(LUGON; PALASSI, 2012)	Participação dos Núcleos de Defesa Civil do Município de Vitória na Gestão de Desastres Naturais		X		X
(SILVA et al., 2013)	Primeiros Socorros Psicológicos: relato de intervenção em crise em Santa Maria		X		
(PEREIRA; MANSANO, 2020)	Sustentabilidade afetiva em situações de vulnerabilidade socioambiental: um problema para as cidades		X	X	
(YOUNES-IBRAHIM; PINHEIRO; PARDO, 2019)	Testemunhos de Sobreviventes ao Desastre de 2011 em Petrópolis: Abordagem Psicossocial em um Campo Ferido		X		
(ZAMPIERI, 2019)	Traumas, sociodramas construtivistas e EMDR: Promoção de saúde com pessoas afetadas por catástrofes naturais			X	
(REIS; CARVALHO, 2013)	Produção científica sobre o Transtorno de Estresse Pós-Traumático no contexto de desastres		X		

O corte temporal estabelecido se justifica pela ocorrência da tragédia na região serrana do Rio de Janeiro, anteriormente citada, em 2011, de modo a verificar se após esse episódio foram desenvolvidas pesquisas e produções textuais referentes à temática. Nos anos anteriores a 2011, há escassa produção, não havendo, inclusive, publicação entre os anos de 2010 e 2011. Observamos que, após o episódio, houve um aumento substancial de publicações de artigos, sendo apenas um publicado em 2011, e o total de 14 após esse ano, o que pareceu confirmar a hipótese levantada nas fases preliminares do projeto de pesquisa, de que haveria acréscimo nas publicações após o evento. Não obstante, é importante ressaltar que tal aumento não reflete necessariamente um maior investimento na área, tendo em vista que ele ainda é pequeno em termos numéricos e que o volume de publicações se manteve estável dentro do corte temporal estabelecido.

Após o refinamento do levantamento bibliográfico, foi realizada uma análise do material por meio de leituras e discussões. Dentre as análises preliminares, constatamos que o tom que norteia os textos é de definição e visibilização do campo, havendo claro intuito de estipular as possíveis contribuições da Psicologia das emergências e desastres, assim como definir, enquadrar ou delimitar o escopo de atuação do profissional psicólogo. Nesse sentido, há tentativas de contribuições que são a um só tempo gerais e específicas, que falam de práticas para então se pensar em teoria. Tratam-se de contribuições que ocorrem na interface entre teoria e prática, visando o desenvolvimento de ambas.

Nesse momento inicial da análise, também chamou atenção o fato de que há pouca produção científica no tocante ao acolhimento e atendimento psicológicos. Diante disso, propomos discutir o campo de atuação do psicólogo nas emergências e desastres no Brasil, para ao final apresentar um esboço de possíveis contribuições para a questão do acolhimento e atendimento psicológicos no cenário de desastres naturais. Em outros termos, apresentamos e discutimos, no tópico seguinte, possíveis contribuições da prática psicológica nas Emergências e Desastres em paralelo com as contribuições históricas e delimitadoras desse campo desafiador.

### 3 DISCUSSÃO

#### 3.1 Psicologia das Emergências e Desastres: Um Novo Campo da Psicologia

É fato que a Psicologia no campo de desastres oferece imensas contribuições para lidar com a ruptura territorial, social, emocional, física e cultural experimentada pelos sobreviventes (YOUNES-IBRAHIM; PINHEIRO; PARDO, 2019).

Os estudos relacionados às emergências e desastres ganharam enfoque após a segunda Guerra Mundial. Até então, era predominante a visão psiquiátrica de diagnóstico, voltada para a compreensão das reações das pessoas diante da possibilidade de um ataque nuclear em uma zona de guerra (TRINDADE; SERPA, 2013). No Brasil, segundo Alves, Lacerda e Legal (2012), foi somente a partir de 2006 que o CFP inseriu os psicólogos nos debates científicos sobre o tema.

Os estudos de Paranhos e Werlang (2015) nos trazem um amplo panorama sobre a história da Psicologia de desastres e emergências no Brasil. Segundo as autoras, psicólogos foram inseridos em situações de emergências pela primeira vez em 1987, com o acidente radioativo do Césio-137, em Goiânia, em que os profissionais auxiliaram a comunidade afetada. Apesar deste ocorrido, somente nos últimos anos se tem notabilizado a inserção da Psicologia nesse campo de maneira mais efetiva, em equipes multidisciplinares. No ano de 2006, o CFP realizou o I Seminário Nacional de Psicologia das Emergências e dos Desastres, em parceria com a Secretaria Nacional de Defesa Civil, com o intuito de alavancar o campo no contexto latino-americano. Neste encontro, ocorreu a 1ª Reunião Internacional por uma Formação Especializada em Psicologia das Emergências e Desastres, reforçando com que este campo deveria constar na formação dos futuros profissionais da área.

O CFP participou da Comissão Organizadora da Conferência Nacional de Defesa Civil e em vários estados, enquanto que os Conselhos Regionais de Psicologia (CRPs) organizaram as Conferências Estaduais. Em 2008, o CRP de Santa Catarina assinou o termo de Cooperação com a Secretaria Executiva de Justiça e Cidadania do Estado. Este documento propõe ações a serem desenvolvidas juntamente com a Defesa Civil deste Estado, no âmbito das políticas públicas (PARANHOS; WERLANG, 2015).

De acordo com o CFP (2011), ao longo do tempo, diferentes iniciativas vêm sendo realizadas, como no caso da I Conferência Nacional de Defesa Civil (I CNDC) em 2010, evento marcado principalmente pela busca de validade e construção de uma política pública de Defesa Civil para melhor apoio às sociedades. O CFP participou ativamente da organização das

atividades e debates sobre o tema. Segundo Melo e Santos (2011), nesta Conferência, o CFP e a Associação Brasileira de Ensino em Psicologia (ABEP) assinaram um documento para mobilizar ações com o objetivo de envolver a sociedade na discussão sobre como minimizar os efeitos das condições relacionadas aos desastres. Também em 2011, o CRP de São Paulo organizou oficinas de práticas de Psicologia em Emergências e Desastres em municípios de São Paulo e criou um grupo de Trabalho de Emergências e Desastres (PARANHOS; WERLANG, 2015).

Ademais, o CFP contribuiu com a criação da Rede Latino-Americana de Emergências e Desastres, que já se reuniu na Argentina, Brasil, Cuba e Chile e tem proposto atividades sobre o tema em congressos e eventos diversos, inclusive no Fórum Social Mundial de 2010, quando inscreveu a única atividade deste tema no Fórum, realizado em Porto Alegre. Vários CRPs também organizaram ou participaram de atividades que propiciaram a discussão acerca do assunto. Com esse histórico, os Conselhos de Psicologia, junto com o CFP, dispuseram-se a estar junto com a sociedade e com os governos para prevenir tragédias e construir respostas efetivas, que possibilitassem a contribuição organizada da Psicologia (CFP, 2011).

Como se pode observar no breve histórico acima apresentado, o CFP contribuiu para unificar em todo o país, por meio das sedes e subsedes dos CRPs, um campo de atuação para a área da Psicologia de tragédias e emergências, sendo crucial para o desenvolvimento de estratégias e debates pertinentes ao crescimento e favorecimento de saberes e práticas relacionados, proporcionando aos profissionais um debate criterioso e atuação baseada nos estudos já estabelecidos. Esses debates também favoreceram a participação e atuação da população e sociedade no geral.

### **3.2 A Prática do Psicólogo em Situações de Emergência**

A Defesa Civil define alguns critérios de atuação para a prática profissional do psicólogo, como: medidas de prevenção ao desastre, atuação imediata durante o acontecimento do evento e medidas de reparação após o desastre (BRAGA et al., 2018). Segundo Alves, Lacerda e Legal (2012), o trabalho da Psicologia nas emergências está diretamente relacionado e dividido entre as três fases do desastre: o pré-desastre, o evento em si, e o pós-desastre.

O primeiro é caracterizado pelo treinamento de respostas e pela construção de planos de emergência para a comunidade. No momento do evento, o papel do psicólogo consiste em instalar planos para o manejo hospitalar e acolher pessoas em vulnerabilidade. Na fase do pós-desastre, o psicólogo trabalha com o levantamento dos impactos psicológicos causados na

população envolvida com o desastre, como vítimas diretas, familiares, amigos e pessoal da equipe de socorro. Cabe destacar que os impactos de um desastre estão relacionados com os elementos que compõem aquela realidade, ou seja, de acordo com o contexto cultural e histórico de uma comunidade. Os fatores ambientais, econômicos e políticos interferem na capacidade de enfrentamento e as consequências de um desastre (FAVERO; SARRIERA; TRINDADE, 2014).

A fase de prevenção consiste no auxílio à construção de sociedades mais seguras e capazes de construir redes de apoio, para enfrentar situações de desastres, e fortalecendo a dinâmica na comunidade e entre elas. O psicólogo não deve se limitar a efeitos e condições apenas psicológicas, mas deve atuar diretamente na comunidade estudando suas relações, tendo uma visão sistêmica da rede sociotécnica dos indivíduos, observando as relações entre eles no micro e macrosistema. Com isso, diante do desastre, a Psicologia abrange a complexidade da realidade e da subjetividade daquele grupo ou comunidade como um todo (ALVES; LACERDA; LEGAL, 2012).

Seguindo o mesmo pressuposto, Melo e Santos (2011) consideram a fase de prevenção a mais importante, já que o psicólogo pode atuar na elaboração de projetos didático-pedagógicos, desenvolvidos na comunidade e/ou em escolas, sobre educação ambiental, práticas preventivas, fortalecimento do vínculo comunitário, para que a população esteja ciente dos riscos que podem correr e de um possível desastre naquela área. E assim administrar os riscos e minimizar seus efeitos.

Ainda na fase de prevenção, é importante que o profissional de Psicologia desconstrua a ideia de normalidade da comunidade em conviver com o risco. O psicólogo media informações entre as áreas científicas, como a Defesa Civil, os gestores públicos e a comunidade. Desse modo, a comunicação é feita de maneira clara e acessível, tornando possível um diálogo entre “saberes práticos” e “saberes do senso comum”, desmistificando essa a ideia de normalização do risco (BRAGA et al., 2018).

Segundo Trindade e Serpa (2013), a partir da participação ativa dos moradores e do empoderamento da comunidade, a sociedade adquire uma atitude crítica, analisando problemas e indicando possíveis soluções. Assim, no caso da prevenção do desastre, podem ocorrer mudanças interpessoais significativas, além de modificações organizacionais e comunitárias. A comunidade fica mais forte para o enfrentamento de um desastre.

Durante o evento, o psicólogo se baseia em uma abordagem ampliada, utilizando de várias ferramentas e práticas para a orientação da população atingida. A atuação se baseia na busca pela resiliência, não só individual, mas também coletiva, para uma melhor estabilidade e

estrutura social. Para a população mais atingida e mais vulnerável, o foco deve ser na família, fazendo intervenções focadas no momento, com o intuito de prevenir o desenvolvimento de Transtorno do Estresse Pós-traumático (TEPT) (ALVES; LACERDA; LEGAL, 2012).

Esses autores também consideram que a atuação do psicólogo no pós-desastre tende a avaliar o sofrimento psicológico, com foco em atender às vítimas para prevenir futuros transtornos mentais relacionados ao desastre, considerando que a vivência do desastre pode causar diversas reações psicológicas, sem perder de vista a subjetividade e interpretação de cada indivíduo diante da situação.

### 3.3 Reações ao trauma

Entende-se como trauma uma “resposta psicobiológica individual ante um evento potencialmente traumático” (ZAMPIERI, 2019, p. 81). A literatura descreve alguns eventos estressores e traumáticos que se referem principalmente a violência, como assaltos, abuso sexual, acidentes de carro, e catástrofes naturais, como enchentes, terremotos, furacões, epidemias e deslizamentos de terra. Segundo alguns estudos, cerca de 90% da população vai passar um dia por um evento que pode trazer, ou não, um trauma (SILVA et al., 2013).

Após um desastre, é comum observarmos diversos sintomas físicos: insônia, fadiga, reações de sobressalto, taquicardia, náuseas e perda de apetite. Também há típicos sintomas emocionais: raiva, tristeza, medo, choque, culpa e vergonha. Dentre os sintomas cognitivos, temos: confusão, desorientação, falta de concentração e dificuldade na tomada de decisões. Também há reações interpessoais, como isolamento social, reclusão e necessidade excessiva de controle. Essas reações ao trauma mostram o organismo se preparando para um novo evento estressor e buscam adaptar o indivíduo à sua nova realidade (SILVA et al., 2013). Nesta linha de possibilidades traumáticas, a situação de emergência e desastre pode afetar também as crenças pessoais e de mundo de cada indivíduo de formas diferentes, podendo também gerar ansiedade e sentimento de insegurança quanto ao futuro (FAVERO; SARRIERA; TRINDADE, 2014).

Em algumas pessoas, essas reações podem se estender por um tempo excessivo. Isso causa mais sofrimento ao indivíduo e pode limitar sua recuperação à catástrofe. A presença de imagens e memórias intrusivas após uma vivência de um evento traumático, que provocam reações negativas cognitivas e emocionais intensas, associadas ao trauma, são características de critérios diagnósticos do TEPT (REIS; CARVALHO, 2016). Nessa mesma perspectiva, de acordo com o estudo de Zampieri (2019), os desastres podem gerar efeitos intrassubjetivos, que

provocam reações adversas como ansiedade, irritabilidade, nervosismo, depressão, sobressaltos, alterações de sono e pesadelos, alteração da atenção e conseqüentemente da memória, podendo chegar a conseqüências de alterações da consciência e estados dissociativos. Esses quadros podem levar a alguns transtornos como Fobias, Transtornos de Ansiedade Generalizada e TEPT. O estudo de Alves, Lacerda e Legal (2012) aponta que há grande incidência de TEPT e outros transtornos psiquiátricos em populações que sofreram por catástrofes, o que reafirma a importância de uma intervenção psicológica logo após o evento traumático, para que isso não gere maiores danos a população.

### **3.4 A Demanda Psicológica no Pós-Desastre: Uma relação com a Subjetividade**

Como vimos, a realidade em que a vítima do desastre vive se relaciona com sua capacidade de lidar com a situação. A compreensão psicossocial da vítima, incluindo as dimensões psicológicas, sociais, culturais e ecológicas, assim como seu entendimento sobre o desastre, é a base para o desenvolvimento de políticas públicas e suas ações (YOUNES-IBRAHIM; PINHEIRO; PARDO, 2020). Nesse sentido, não é somente o contexto social, político e cultural que define como uma pessoa lidará com uma emergência. Se cada vítima tem uma forma de lidar com o desastre, podemos considerar que o desastre possui uma dimensão subjetiva (FAVERO; SARRIERA; TRINDADE, 2014). A avaliação subjetiva do observador, ao se atentar para experiências pessoais e normas sociais e culturais em torno da vítima, é de extrema importância para a conceituação de um “trauma”. As vítimas dos desastres sofrem impactos da catástrofe em seu desenvolvimento, suas transformações, seus processos mentais e suas maneiras de lidarem com a realidade (ZAMPIERI, 2019).

Seguindo a mesma perspectiva, Trindade e Serpa (2013) discorrem que a representação do desastre está de acordo com a percepção que a pessoa tem da situação. Esta percepção é formada pelas experiências que a pessoa tem ao longo da vida, ou seja, o significado do desastre é derivado da subjetividade de cada pessoa. O evento em si pode ser compreendido de formas diferentes pela mesma população, ainda que as vítimas tenham passado pela mesma situação, o que justifica as diferentes reações. Segundo Zampieri (2019, p. 78), “os impactos de catástrofe no psiquismo das pessoas atingidas dependerão de como cada sujeito a vivenciará, no interjogo de mundo externo-mundo interno e das múltiplas interfaces entre mundo subjetivo e organizações sociais”.

Existem pessoas que conseguem enfrentar eventos delicados, no caso de um desastre natural, resistindo emocionalmente. Nesse sentido, a resiliência é um aspecto que os psicólogos

procuram trabalhar com as vítimas no pós-desastre, para manter um equilíbrio emocional sem afetar a saúde mental dos envolvidos. Cabe destacar que a resiliência é um dispositivo particular a cada sujeito, criado por este para enfrentar crises (GOMES; CAVALCANTE, 2012). No estudo de Trindade e Serpa (2013), os autores abordam que resiliência é um tema novo e ainda muito pouco explorado no campo de emergências e desastres.

Segundo Gomes e Cavalcante (2012, p. 4):

No pós-desastre natural, as vítimas da enchente, ao construírem dispositivos de enfrentamento das perdas, necessitam desenvolver a capacidade de se acomodar e reequilibrar para superação do momento de crise, ou seja, esta é uma experiência vivenciada de forma resiliente. Reações de buscar ou receber ajuda também se fazem presentes na realidade dos desastres naturais. É de se esperar que em regiões mais vulneráveis a desastres as pessoas desenvolvam mais atitudes de solidariedade em reação às situações de emergência que em outras áreas menos sujeitas a estas circunstâncias.

Neste mesmo estudo, os autores abordam o *coping*, termo usado para se referir às estratégias de enfrentamento. Os autores definem *coping* como um esforço cognitivo e/ou comportamental para lidar com demandas, internas ou externas, que sobrecarreguem seus recursos pessoais. O trabalho do psicólogo, nesse sentido, envolveria também o desenvolvimento e aplicação de técnicas de manejo do *coping* com as vítimas pós-desastre.

Ademais, é de extrema necessidade a atuação e o treinamento de uma equipe multiprofissional, para que os sobreviventes consigam ser vistos de uma forma integral e equânime. Apesar de todas as pessoas possuírem direito aos serviços e às políticas públicas ali estabelecidas, eles não são iguais e, por isso, têm necessidades distintas (YOUNES-IBRAHIM; PINHEIRO; PARDO, 2019).

### **3.5 O Atendimento Psicológico em Emergências e Desastres**

Pesquisas mostram um déficit quanto a intervenções precoces no pós-desastre, ou seja, aquelas realizadas durante o primeiro mês após o evento, para a prevenção de reações e transtornos pós-traumáticos (SILVA et al., 2013). Melo e Santos (2011) enfatizam que o profissional de Psicologia poderá atuar direta ou indiretamente com a comunidade, após o desastre. O psicólogo pode atuar sobre as consequências dos desastres sobre a vida das vítimas, da comunidade e até mesmo sobre os profissionais de apoio envolvidos, que são indiretamente afetados. O profissional psicólogo pode realizar atendimentos psicoterapêuticos com as vítimas e/ou práticas de acolhimento, seja com grupos ou no âmbito individual.

Gomes e Cavalcante (2012) ressaltam ainda que a Psicologia também pode auxiliar na amenização das possíveis consequências psicológicas após um desastre por meio de atendimentos e intervenções na comunidade. Com isso, os funcionamentos psicológicos e emocionais são restabelecidos gradativamente. Essa intervenção busca restaurar ou aumentar as capacidades adaptativas das pessoas afetadas pelo desastre, oferecendo oportunidade para as vítimas avaliarem e utilizarem os apoios disponíveis, sejam eles familiares ou comunitários. O psicólogo pode se utilizar de recursos e técnicas, auxiliando a vítimas na reorganização e reinterpretação cognitiva da situação vivenciada.

No estudo de Younes-Ibrahim, Pinheiro e Pardo (2019), no qual eles fizeram entrevistas com sobreviventes da catástrofe de 2011 na região serrana do Rio de Janeiro, é destacada a importância do preparo do profissional para atuar nesse contexto. Os profissionais devem treinar uma escuta diferenciada, tendo sempre cuidado de não enfatizar o papel de vítima do sujeito e sim de sobrevivente. Essa escuta aprimorada potencializa e ajuda o indivíduo a se tornar resiliente e mais flexível frente ao desastre que lhe ocorreu. Nesse sentido, trata-se de uma perspectiva de trabalho ético-politicamente comprometida, tendo em vista que esse profissional deve ser treinado para “uma escuta comprometida com os direitos humanos e as necessidades do sobrevivente, sendo ele o protagonista de sua história” (YOUNES-IBRAHIM; PINHEIRO; PARDO, 2019, p. 376).

O estudo de Silva et al. (2013) enfatiza alguns protocolos de primeiros socorros psicológicos (PSP) após um desastre. Os PSP são propostos pelo *National Center for PTSD* e tem como objetivo “padronizar o atendimento às vítimas com base em evidências sobre reações agudas ao estresse. Tais intervenções podem ser iniciadas imediatamente após a ocorrência de desastres, direcionadas a crianças, adultos ou famílias afetadas direta ou indiretamente” (SILVA et al., 2013, p. 97). As intervenções devem ser breves e focadas no presente, para prevenir os possíveis transtornos psicológicos a longo prazo. Esses protocolos apresentam nove etapas, nas quais os profissionais que vão atuar em situações de emergências devem se basear. Dentre essas etapas, destacam-se: preparação do profissional para desenvolver estratégias adequadas de acordo com a população afetada, promoção de rede de apoio social à vítima, busca de informações básicas sobre a vítima que podem ser utilizadas para o manejo clínico do caso, contato com apoio social que possa dar continuidade a atendimentos à população, como serviços sociais, instituições de saúde e religiosas, e fornecimento de informações básicas sobre reações ao estresse, reações psicológicas e informações sobre formas de enfrentamento (SILVA et al., 2013).

Em sua pesquisa, Vasconcelos e Cury (2017) entrevistaram psicólogos pré-selecionados com experiência na área de Emergências e Desastres. As autoras apontam que os participantes fizeram poucas referências a teorias já consagradas, tais como teoria do trauma, teoria do luto, TEPT etc., como norteadoras de suas ações. Os participantes revelaram que essas teorias mencionadas não foram significativas em suas experiências clínicas. Diante disso, as autoras argumentam que um conhecimento engessado e produzido em outros contextos pode promover um cuidado limitado a técnicas pré-definidas e automatizadas, afetando a emergência de uma relação intersubjetiva que vise potencializar o desenvolvimento de uma prática efetiva e mais abrangente. Nesse sentido, é necessário que o cuidado seja elaborado tanto a partir de um conhecimento prévio sobre construções subjetivas e culturais das populações atendidas, quanto com base no arcabouço de conhecimento, que se desenvolve no próprio relacionamento cotidiano com as pessoas e com a situação (VASCONCELOS; CURY, 2017). Tal perspectiva colaboraria para uma construção de uma prática psicológica em conjunto com a população atendida, trazendo questões desafiadoras para o atendimento psicológico e assim contribuindo para a construção e adaptação de técnicas e conceitos para aquele contexto emergente.

### **3.6 Contexto Covid-19**

Consideramos importante complementar a presente contribuição com algumas considerações relacionadas à recente pandemia global de Covid-19, tendo em vista que esta pode ser considerada um desastre natural (ainda que possivelmente relacionado a mudanças ambientais decorrentes de intervenção humana). Como nossa prática clínica tem mostrado, é consenso entre profissionais e pesquisadores da área da saúde que a pandemia de Covid-19 demanda e demandará a prestação de serviços psicológicos.

Segundo Schmidt et al. (2020), diante das implicações psicológicas diretamente relacionadas à doença causada pelo novo coronavírus, algumas medidas para o controle da pandemia também podem ocasionar fatores de risco à saúde mental. Dentre os exemplos, são citadas pelos autores ocorrências derivadas da quarentena, como sentimento de raiva, estados de confusão e sintomas de TEPT. Todavia, ainda não temos uma real dimensão dos efeitos da pandemia global sobre a saúde mental das populações, tendo em vista que muitas pesquisas ainda estão em andamento, e muitas outras ainda serão necessárias. Não obstante, em nossa prática clínica, chama-nos atenção um aumento substancial de casos de ansiedade e depressão.

Cabe destacar também as dificuldades enfrentadas pelos profissionais de saúde que atuam na chamada “linha de frente”, devido ao contato direto e frequente com pessoas

infectadas pelo novo coronavírus, com sintomas graves. Tal situação pode propiciar o desencadeamento ou intensificação de sintomas de ansiedade, depressão e estresse (SCHMIDT et al., 2020). Diante dos noticiários, acompanhamos as dificuldades enfrentadas por esses profissionais, desde a escassez de conhecimentos prévios sobre o impacto do novo coronavírus no organismo humano e sobre quais protocolos executar nos atendimentos médicos, até a precariedade dos serviços de saúde, como escassez de materiais, dentre eles seus equipamentos de segurança (EPI). É importante destacar que esses profissionais também tiveram que cumprir quarentenas e isolamentos sociais de forma rigorosa, ficando longe de amigos e familiares. Enquanto isso, a população assiste ao colapso dos serviços de saúde, devendo também cumprir as medidas de quarentena e isolamento, impactando suas vidas em âmbitos variados, como o psicológico, social e econômico.

As intervenções psicológicas tanto para os profissionais de saúde quanto para a população de forma geral são fundamentais para o tratamento das possíveis implicações psicológicas advindas desse novo cenário (SCHMIDT et al., 2020). Nesse sentido, o CFP e os conselhos regionais vêm se mobilizando mediante a publicação de algumas medidas e recomendações. Em março de 2020, por exemplo, foi publicada a Resolução nº 4/2020, que orienta e credencia os profissionais de Psicologia a realizarem atendimentos por meio de tecnologias da informação.

No tocante à visibilização de práticas, há ainda escassas contribuições. Dentre elas, destacamos o trabalho de Zwielewski et al. (2020), que apresentam a Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) como opção de intervenção eficaz a ser aplicada durante ou após a vivência de situações de crise social e pandemias. Consideram o enfoque na TCC devido ao seu caráter breve e com objetivos e demandas claras, podendo ser aplicada a diferentes grupos populacionais. Esse trabalho também aborda a escassez de materiais e protocolos para o atendimento de vítimas de desastres e emergências.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho se propôs a investigar a atuação e participação do psicólogo no campo de Emergências e Desastres. Durante o decorrer da pesquisa, ficou evidente a escassez de literatura sobre o direcionamento de como o profissional deve agir dentro da demanda emergente, tendo em vista que, em situação de pós-desastre, ele pode não dispor de uma sala de atendimento, lugar tradicionalmente atribuído ao seu ofício. Sendo assim, a motivação, a empatia, acolhimento e comprometimento, assim como o arcabouço de conhecimento de cada

profissional, parecem ocupar o centro da atuação. Alguns profissionais optaram por usar modelos de intervenção baseados em materiais de referência, como Franco e colaboradores (2012), outros se baseiam em temas e conceitos da Psicologia Social. Nesse sentido, reconhece-se que uma Psicologia voltada para emergências e desastres não deve se restringir a intervenções puramente clínico-individuais, de modo que a noção de clínica deve ser trabalhada em sua abordagem ampliada.

Mostramos que a atuação do psicólogo é discutida com mais ênfase na fase do pós-desastre. Poucos estudos analisados demonstram a importância da atuação desse profissional na esfera do pré-desastre, na qual o psicólogo pode trabalhar diretamente com a comunidade sobre possíveis riscos e adentrando o campo da saúde mental, fortalecendo o vínculo comunitário e promovendo empoderamento. Esta dificuldade do reconhecimento das intervenções psicológicas no pré-desastre indica outra dificuldade, a saber, a Psicologia se reconhecer em espaços para além de uma abordagem clínico-individual.

Nesse sentido, considerando que a prática clínica tradicional parece não se adequar ao cenário de emergências e desastres, cabe ao profissional de Psicologia buscar ajustes frente à especificidade da atuação. É importante que o profissional entenda tal necessidade como um convite para repensar suas ações e práticas, analisando seus instrumentos de atuação e intervenção, possibilitando a adaptação ou reinvenção dos mesmos.

Na produção científica recente, também nos chamou atenção certa escassez referente à produção e utilização de materiais específicos, como protocolos interventivos, voltados para o atendimento das vítimas de desastres (salvo algumas contribuições de FRANCO (org.), 2012). Diante disso, acreditamos que o campo de Emergências e Desastres, por ser uma área de atuação recente na Psicologia, ainda carece de mais estudos para discutir novos, diversos e mais efetivos modos de intervenção dentro de uma calamidade.

No que diz respeito ao atendimento psicológico, vimos que muito pouco foi abordado nas pesquisas, cujos enfoques giram em torno da explicação do campo de Emergências e Desastres e da importância do profissional de Psicologia nas equipes multiprofissionais. Pouco foi explicitado, por exemplo, a respeito de particularidades do *setting* terapêutico ou se existem protocolos de atendimento de uso exclusivo para o contexto.

Por fim, reforçamos que a atual pandemia mundial ocasionada pelo novo coronavírus representa um desastre ambiental de proporções até então inimagináveis, sendo urgente a realização de novos estudos e pesquisas que possam fornecer uma adequada dimensão dos efeitos e implicações, tanto do ponto de vista social quanto psicológico, assim como desenvolver novas formas de atuação e intervenção. A Psicologia das Emergências e Desastres,

nesse sentido, apresenta-se como referência relevante para a Psicologia como um todo, que inevitavelmente precisará se reinventar diante das muitas e múltiplas demandas da pandemia.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, R. B.; LACERDA, M. A. C.; LEGAL, E. J. (2012, junho). A atuação do psicólogo diante dos desastres naturais: uma revisão. **Psicologia Em Estudo**, v. 17, n. 2, p. 307-315, jun. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v17n2/v17n2a13.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2020.
- ATKINSON, A. A. et al. **Contabilidade gerencial**. São Paulo: Atlas, 2000.
- BANCO MUNDIAL. **Avaliação de Perdas e Danos: Inundações e Deslizamentos na Região Serrana do Rio de Janeiro**, Janeiro de 2011. Brasília, DF: Editora Executiva, 2012.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Organização Pan-Americana da Saúde. **Desastres Naturais e Saúde no Brasil**. Brasília, DF, 2015. (Série Desenvolvimento Sustentável e Saúde, 2). Disponível em: <[https://www.paho.org/bra/images/stories/GCC/desastresesaudebrasil\\_2edicao.pdf](https://www.paho.org/bra/images/stories/GCC/desastresesaudebrasil_2edicao.pdf)>. Acesso em: 29 mar. 2020.
- BRAGA, A. P. A. et al. Produção científica sobre psicologia dos desastres: Uma revisão da literatura nacional. **Estudos de Psicologia**, v. 23, n. 2, p. 179-188, jun. 2018. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epsic/v23n2/a09v23n2.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2020.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). **Psicologia de emergências e desastres na América Latina: promoção de direitos e construção de estratégias de atuação**. Brasília, DF, 2011.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). **Resolução nº 4, de 26 de março de 2020**. Dispõe sobre regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia do COVID-19. Brasília, DF, 2020.
- FAVERO, E; SARRIERA, J. C.; TRINDADE, M. C. O desastre na perspectiva sociológica e psicológica. **Psicologia em Estudo**, v. 19, n. 2, p. 201-209, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v19n2/04.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2020.
- FRANCO, M. H. P. (org.). **A intervenção psicológica em emergências: Fundamentos para a prática**. São Paulo: Summus, 2012.
- GOMES, E. R. B.; CAVALCANTE, A. C. S. Desastres naturais: perdas e reações psicológicas de vítimas de enchente em Teresina-PI. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 3, p. 720-728, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n3/25.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2020.

MELO, C. A.; SANTOS, F. A. As contribuições da psicologia nas emergências e desastres. *Psicólogo inFormação*, v. 15, n. 15, p. 169-181, dez. 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoinfo/v15n15/v15n15a12.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2020.

OLIVEIRA, L. M. et al. **Manual de contabilidade tributária**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

PARANHOS, M. E.; WERLANG, B. S. G. Psicologia nas emergências: Uma nova prática a ser discutida. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 2, p. 557-571, jun. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v35n2/1982-3703-pcp-35-2-0557.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2020.

REIS, A. M.; CARVALHO, L. F. Produção científica sobre o Transtorno de Estresse Pós-traumático no contexto de desastres. **Avaliação Psicológica**, v. 15, n. 2, p. 237-247, 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v15n2/v15n2a13.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2021.

SANTOS, V. S.; CANDELORO, R. J. Trabalhos Científicos: Conceitos e Roteiros. In: SANTOS, V. S.; CANDELORO, R. J. **Trabalhos Acadêmicos: Uma Orientação para a pesquisa e normas técnicas**. Porto Alegre: AGE Ltda, 2006. p. 39-68.

SCHMIDT, B. et al. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, e200063, 2020. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2020000100501&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100501&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 out. 2020.

SILVA, T. L. G. et al. Primeiros Socorros Psicológicos: relato de intervenção em crise em Santa Maria. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 15, n. 1, p. 93-104, 2013. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-847662>>. Acesso em: 21 de abr. 2021.

TRINDADE, M. C.; SERPA, M. G. O papel dos psicólogos em situações de emergências e desastres. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 13, n. 1, p. 279-297, abr. 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v13n1/v13n1a17.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres. **Atlas Brasileiro de Desastres Naturais 1991 a 2012**. Florianópolis: CEPED/UFSC, 2013.

VASCONCELOS, T. P.; CURY, V. E. Atenção psicológica em situações extremas: Compreendendo a experiência de psicólogos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. 2, p. 475-488, jun. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v37n2/1982-3703-pcp-37-2-0475.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2020.

YOUNES-IBRAHIM, S.; PINHEIRO, M. A.; PARDO, C. R. Testemunhos de Sobreviventes ao Desastre de Petrópolis: Abordagem Psicossocial em um Campo Ferido. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 2, p. 366-386, 2019. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/44279/30299>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

ZAMPIERI, A. M. F. Traumas, sociodramas construtivistas e EMDR: Promoção de saúde com pessoas afetadas por catástrofes naturais. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 27, n. 1,

p. 75-86, 2019. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicodrama/v27n1/08.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

ZWIELEWSKI, G. et al. Protocolos para atendimento psicológico em pandemias: as demandas em saúde mental produzidas pela COVID-19. **Revista debate in psychiatry**, n. 2, abr./jun. 2020. Disponível em: <<http://www.hu.ufsc.br/setores/neuropsicologia/wp-content/uploads/sites/25/2015/02/Protocolos-psic-em-pandemias-covid-final.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2020.